



Uma breve

HISTÓRIA

do MUNDO em

50

LIVROS



Daniel Smith

valentina 

Uma breve
HISTÓRIA
do **MUNDO** em
50
LIVROS

VOCÊ SABIA...



Que Guerra e paz, de Leon Tolstói, tem algo em torno de 600 personagens?

* * *

Que o clássico romano da culinária De re coquinaria inclui uma receita de flamingo escaldado?

* * *

Que Ardil-22 foi intitulado originalmente Ardil-18?

* * *

Que um componente vital da base filosófica de A arte da guerra é evitar a guerra?

* * *

Que, em 2014, um exemplar da Torá do século XV foi leiloado e atingiu o preço recorde de 3,87 milhões de dólares ao ser arrematado por um comprador anônimo?

* * *

Que a Igreja Católica Romana introduziu seu Index Librorum Prohibitorum (“Índice de Livros Proibidos”) na primeira metade do século XVI e que, somente em 1966, durante o pontificado do Papa Paulo VI, o Index foi formalmente extinto?



Que A divina comédia, de 1320, no início, não era “divina”? Dante Alighieri batizou a obra apenas de Comédia, e o divina foi acrescentado bem depois por outro grande autor italiano do período, Giovanni Boccaccio.

Uma breve
HISTÓRIA
do **MUNDO** em
50
LIVROS



Daniel Smith

TRADUÇÃO
Jaime Biaggio



valentina 

RIO DE JANEIRO, 2025
1ª edição



Copyright © 2022 by Michael O'Mara Books Ltd

TÍTULO ORIGINAL

A Short History of the World in 50 Books

CAPA

Sérgio Campante

ILUSTRAÇÕES

Aubrey Smith

MAPA

David Woodroffe

DIAGRAMAÇÃO

Fátima Affonso/FQuatro Diagramação

E-BOOK

Marcelo Morais

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Smith, Daniel

Uma breve história do mundo em 50 livros [livro eletrônico] / Daniel Smith ;
tradução Jaime Biaggio. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Editora Valentina, 2025.
ePub

Título original: A short history of the world in 50 books.
ISBN 978-85-5889-125-7

1. Conhecimento humano 2. Cultura e sociedade 3. Livros - História I. Título.

25-
297500.0

CDD-002.09

Índices para catálogo sistemático:

1. Livros : História 002.09

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

Para Charlotte e Ben
– meus brilhantes ratos de biblioteca.

SUMÁRIO



Introdução

1 O Mundo Antigo

Epopeia de Gilgámesh • Anônimo

Tao Te King • Lao Tsé

Iliada • Homero

Fábulas de Esopo • Esopo

A Torá • Moisés

A arte da guerra • Sun Tzu

Os analectos • Confúcio

A república • Platão

História dos animais • Aristóteles

Os elementos • Euclides

Bhagavad Gita • Vyasa

De re coquinaria • Marco Gávio Apício

Geographia • Cláudio Ptolomeu

2 A Idade Média

O Alcorão • Seguidores do Profeta Maomé
O livro de Kells • São Jerônimo (e monges não identificados)
O livro do travesseiro • Sei Shônagon
O conto de Genji • Murasaki Shikibu
Magna Carta • Stephen Langton
A divina comédia • Dante Alighieri
Jikji • Baegun
Revelações sobre o amor divino • Juliana de Norwich
A Bíblia de Gutenberg • Vários/Johannes Gutenberg
Códice de Madri • Anônimo

3 A Era Pré-Moderna

Quatro romances clássicos da literatura chinesa • Vários
O príncipe • Nicolau Maquiavel
O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha • Miguel de Cervantes
Obras completas • William Shakespeare
Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo ptolomaico e copernicano • Galileu Galilei
Principia • Isaac Newton
Do contrato social, ou Princípios do direito político • Jean-Jacques Rousseau
A Dictionary of the English Language • Samuel Johnson
Senso comum • Thomas Paine

A riqueza das nações • Adam Smith

4 O Século XIX

Fausto • Johann Wolfgang von Goethe

“Os crimes da Rua Morgue” • Edgar Allan Poe

Sobre a liberdade • John Stuart Mill

A origem das espécies • Charles Darwin

Incidentes na vida de uma menina escrava • Harriet Ann
Jacobs

O capital • Karl Marx

Guerra e paz • Leon Tolstói

A interpretação dos sonhos • Sigmund Freud

5 De 1900 em Diante

Teoria da Relatividade Geral • Albert Einstein

O diário de Anne Frank • Anne Frank

1984 • George Orwell

O segundo sexo • Simone de Beauvoir

Ardil-22 • Joseph Heller

Primavera silenciosa • Rachel Carson

Por que não podemos esperar • Martin Luther King

Uma breve história do tempo • Stephen Hawking

Longa caminhada até a liberdade • Nelson Mandela

Conclusão

Bibliografia Seleccionada

Sobre o Autor

INTRODUÇÃO



*“Nos livros repousa a alma de todo o Tempo Passado;
a voz audível articulada do Passado,
quando sua substância corpórea e material
já se esvaneceu por completo como um sonho.”*

Thomas Carlyle, “O herói como homem literato” (1841)

O que é um livro? Tecnicamente, pode-se dizer que seja qualquer conjunto de páginas impressas afixadas dentro de uma capa. Mas como chamar então todos aqueles que podemos ler em dispositivos eletrônicos? E como definir aqueles textos ancestrais que talvez tenham sido gravados em tábuas de pedra ou mesmo nos ossos de algum animal sacrificial? Temos uma história literária rica, e ela precede em muito a tecnologia que nos deu o papel, para não falar nos meios para encadernar essas folhas e colar uma capa. Melhor, então, adotar uma definição bem mais ampla – livros são obras escritas de ficção ou não ficção, criadas com a intenção de que sejam lidas por outros. O material no qual tenham sido originalmente registradas não importa tanto.

Somos, é claro, a única espécie a produzir livros: um objeto que encerra as ideias e a imaginação de seu autor ou autores. O livro tem status singular como emblema da cultura e da civilização humanas. É um receptáculo para compartilhar histórias, espalhar conhecimento, examinar a natureza da nossa extraordinária espécie e imaginar o que se estende para além do

mundo conhecido. Como sugere Carlyle, livros proporcionam, em última análise, um registro inestimável e abrangente do que significa ser humano. Por vezes, podem até mesmo nos oferecer uma janela para o divino. Como escreveu, certa vez, Jorge Luis Borges: “Sempre imaginei o Paraíso como uma espécie de biblioteca.”

Este volume lança mão de uma lista selecionada de cinquenta livros dos mais influentes de todos os tempos, situando cada um deles em seu contexto histórico. Partindo de divisores de águas da Antiguidade, como a *Epopéia de Gilgámesh* e a *Iliada*, passando por textos sagrados e reflexões filosóficas de gente como Confúcio e Platão, e ainda por tratados científicos, ineditismos históricos (como o primeiro livro a ser impresso), e obras culturais de impacto duradouro (pensem em Shakespeare, Cervantes e Joseph Heller), tais volumes foram, ao mesmo tempo, produto das sociedades em que surgiram e textos vitais na formação dessas mesmas civilizações.

O que esta seleção não pretende é celebrar o cânone literário, reafirmar quais os “melhores” livros do passado. Aqui não se encontrarão Austen ou Dickens, nem Melville, Dostoiévski ou García Márquez. Há Shakespeare, Cervantes e Tolstói, mas não porque sejam “melhores” do que esses outros. O que esta antologia pretende é selecionar livros que reflitam a passagem da História humana – nosso progresso, de maneira geral, mas, vez ou outra, nossa regressão também. A maioria, contudo, não se limita a refletir a forma como pensamos e vivemos, tendo, isto sim, a modificado; não se trata apenas de símbolos históricos, mas de agentes da História. Por definição, são obras “importantes” e, de um ponto de vista crítico expresso por alto, “excelentes” também. Mas este livro não está preocupado em mapear quais obras são as melhores de todos os tempos – para isso existem muitos outros, e boa sorte para eles.

Inevitavelmente, uma seleção como esta terá alto grau de subjetividade. É um processo tão definido pelas omissões quanto pelo que é escolhido. Ao selecionarmos cinquenta títulos, esperamos tão somente mergulhar um dedo

do pé (o mindinho, aliás) na vasta lagoa da literatura de tempos idos e passados. E, como tal, qualquer pretensão a um olhar definitivo seria tolice. Estamos, isto sim, jogando um jogo literário. Quais das cinquenta escolhas são irrefutáveis? Quais ocupam um espaço de que outra obra seria mais merecedora? Todos terão suas próprias opiniões. No fim das contas, pouco importa que todos concordemos. Mais importante é que, no ato de voltarmos nossas mentes à pergunta, conheçamos trabalhos que nos sejam menos familiares, revisitemos alguns velhos favoritos e ganhemos conhecimento e prazer nesse ínterim.

Livros são objetos brilhantes. São os blocos com os quais construímos a nossa identidade coletiva. São monumentos à nossa civilização. Portais para novos mundos. Explorá-los nunca é demais. Carl Sagan resumiu com elegância: “Milênios afora, um autor fala clara e silenciosamente dentro da sua cabeça, diretamente para você. A escrita é talvez a maior das invenções humanas, unindo pessoas que jamais se conheceram, cidadãos de épocas distantes entre si. Livros rompem os grilhões do tempo. Um livro é a prova de que os humanos são capazes de fazer magia.”

1

O MUNDO ANTIGO



EPOPEIA DE GILGÁMESH

.....

AUTOR: ANÔNIMO

DATA: TERCEIRO MILÊNIO A.C.

Amplamente considerada a primeira obra de ficção literária de que se tem notícia no mundo, a *Épopeia de Gilgámesh* é um longo poema que narra as aventuras de Gilgámesh, rei da ancestral civilização suméria estabelecida em torno da região onde hoje estão o Iraque e a Síria (registros históricos sugerem ter havido de fato um rei com este nome, cujo reinado provavelmente foi no início do terceiro milênio a.C.). Existem, hoje, cerca de 3.200 versos do texto; estima-se que representem algo entre 80-90% do total original. Escrito no final do terceiro milênio a.C., *Gilgámesh* pode ser considerado, com justiça, o primeiro grande salto na história da literatura – obra-prima por excelência da imaginação preservada em forma escrita.

A história é das mais empolgantes. Gilgámesh, descrito como um terço humano e dois terços divindade (sua mãe, Ninsun, é uma deusa e seu pai, um reles mortal), é rei de Uruk, uma resplandecente cidade murada no sul da Mesopotâmia. Descomunal e forte, é também cheio de caprichos, impondo-se perante os homens de Uruk por meio de suas habilidades atléticas e exercitando o que considera seu direito de se envolver com as mulheres da cidade, em especial as recém-casadas. Os cidadãos, aborrecidos com a sua má conduta, queixam-se aos deuses. A deusa Aruru cria então um companheiro para ele, outro gigante, chamado Enkidu, a partir de um pedaço de argila. Enkidu, espera-se, o manterá na linha.



Enkidu é animalesco por natureza, embora dotado igualmente de inteligência humana. Contudo, depois de ser tentado a um envolvimento sexual duradouro com uma humana (uma prostituta do templo chamada Shamhat; consta que a relação sexual teria durado uma semana, ou até mesmo duas, de acordo com algumas interpretações), ele é rejeitado pelos animais e se torna plenamente humano. É efetivamente expulso de seu antigo mundo e impelido a um novo, não raro mais complicado. Seu novo senso de moral o leva a confrontar Gilgámesh devido ao comportamento deste, e os dois se engalfinham num combate feroz. Porém, ao final da luta, selam uma amizade e embarcam em uma série de aventuras.

Algum tempo depois de se enfrentarem, eles vão à Floresta de Cedros, onde conspiram para derrubar algumas árvores sagradas após matarem o seu temido protetor, um monstro chamado Humbaba, o Terrível. Mais adiante, a deusa Ishtar expressa seu desejo por Gilgámesh, mas ele a desdenha. A deusa, desprezada, manda o “Touro do Céu” para executar uma vingança terrível contra Gilgámesh, já que continua a desdenhá-la, mas ele e Enkidu conseguem matar a fera. As mortes de Humbaba e do touro provocam a ira dos deuses, que punem Enkidu com uma morte lenta, prolongada por doze dias de doença, confinado a uma cama.

Arrasado pela perda do amigo e determinado a escapar a uma sina semelhante, Gilgámesh procura aprender os segredos da vida eterna com os únicos sobreviventes humanos de um Grande Dilúvio. Para chegar até eles, tem de passar por uma longa e perigosa jornada – que de nada serve, pois aprende que a morte é inevitável. Antes de a história terminar, o próprio Gilgámesh morre, provavelmente de velhice (ainda que isto não seja declarado explicitamente), e os cidadãos de Uruk choram o falecimento de seu soberano.

Gilgámesh inclui muitos elementos narrativos que se tornariam marcas dos épicos heroicos clássicos; talvez sua influência mais clara se verifique sobre a *Iliada* (em especial os ecos de Enkidu no personagem Pátroclo) e a *Odisseia*, de Homero. Na visão de certos acadêmicos, também guarda aspectos em comum com a Bíblia.

A história de Enkidu – uma criação divina a partir do solo – e de sua “expulsão” do que seria naturalmente seu lar após a “tentação” por parte de uma mulher (Shamhat) tem paralelos óbvios com a história de Adão e Eva e sua queda do Jardim do Éden. Mas talvez ainda mais marcante seja a visita de Gilgámesh a Utnapishtim e sua esposa em busca do segredo da vida eterna. No episódio, Utnapishtim conta como o deus Enlil fez se abater sobre o mundo um grande dilúvio como punição pelas falhas dos homens. Porém, Utnapishtim foi avisado com antecedência por outro deus, que o orientou a construir um barco capaz de transportá-lo até um local seguro juntamente com sua família e as sementes de todas as coisas vivas. Quando o dilúvio ocorre, apenas os que estão a bordo se salvam entre toda a humanidade. O barco acaba por encalhar no cume de uma montanha; é quando Utnapishtim envia uma série de pássaros (entre os quais uma pomba) para procurar terra firme. A não ser por algumas mudanças de nomes, é uma narrativa quase idêntica à de Noé e sua arca, tal como está contada no livro bíblico do Gênesis. Se *Gilgámesh* foi a fonte da história de

Noé ou se ambas as histórias só refletem uma tradição narrativa compartilhada, não se sabe ao certo.

A história literária de *Gilgámesh* é quase tão fascinante quanto a história narrada pelo épico. Originalmente uma série de poemas sumérios em escrita cuneiforme do ano 2100 aproximadamente, a versão mais completa que conhecemos hoje tem origem na Babilônia e foi gravada em doze tábuas de pedra, na língua acádia, entre os anos 1200 e 1000 a.C. Porém, depois de 600 a.C., a *Épopeia de Gilgámesh* tornou-se um clássico basicamente perdido. Nos anos 1850, um grande número de tábuas com inscrições foi descoberto por uma expedição arqueológica liderada por britânicos, no local de uma antiga biblioteca em Nínive, próximo à atual cidade iraquiana de Mossul. As relíquias foram prontamente enviadas para o Museu Britânico. Depois de muitos anos, o museu convidou um voluntário chamado George Smith – um gravador de papel-moeda que havia largado a escola aos 14 anos (embora já então imbuído de fascinação pela história e pela cultura assírias) – para ajudar a analisar os fragmentos que jaziam esquecidos num depósito. Ao longo de aproximadamente dez anos, entre as décadas de 1860 e 1870, ele conseguiu traduzir uma série deles, rerepresentando o épico ao mundo. Que tenha sido a gana de um amador, e não a respeitabilidade de um literato, a reconectar o mundo com a sua primeira grande obra literária não deixa de ter certa elegância poética.

GEORGE SEJA LOUVADO!

Até que ponto George Smith compreendia por completo o escopo de seu feito não se sabe, visto que morreu em um trabalho de campo em Aleppo, em 1876, com apenas 36 anos de idade. Muito do seu entusiasmo pelos fragmentos que decodificou baseia-se em sua crença de que confirmavam a verdade histórica do Gênesis. Ao ler sobre um Grande Dilúvio que teria dado cabo da humanidade, a não ser por um homem e sua família, consta que teria pulado da cadeira em estado de júbilo e saído a correr, exultante, por sua sala no museu. Quando discursou para a Sociedade de Arqueologia Bíblica sobre a sua descoberta, o Primeiro-ministro William Gladstone estava na plateia, e os achados de Smith chegaram às manchetes de jornais mundo afora.

TAO TE KING

.....

AUTOR: LAO TSÉ (ATRIBUÍDO A)

DATA: PRIMEIRO MILÊNIO A.C.

O *Tao Te King* (*O caminho e seu poder*, em tradução livre) é o principal guia espiritual de seguidores da antiga filosofia chinesa do taoísmo. Taoistas defendem que tenhamos uma vida simples, modesta e devota, o que nos levaria ao equilíbrio para com o Tao (que seria basicamente o universo em suas manifestações materiais e espirituais). Em termos simplistas, os praticantes buscam uma existência pacífica, em harmonia com a natureza, desenvolvendo conceitos como a virtude (*de*), a naturalidade (*ziran*) e a inação (*wuwei*).

O suposto autor do livro, Lao Tsé, é uma figura altamente controversa, que talvez tenha vivido em torno do século VI a.C., tendo sido assim contemporâneo de Confúcio, mas que certos acadêmicos sugerem ter vivido

em algum momento posterior ao longo dos dois séculos seguintes. Muitos outros duvidam que Lao Tsé (nome cuja tradução mais comum é “Velho Mestre”) tenha existido. Há ainda uma ampla escola de pensamento para a qual o *Tao Te King* é uma coletânea de poesias e provérbios originária de uma série de autores diferentes.

O volume se propõe a orientar os taoistas sobre como existir em harmonia com o universo. Embora o taoísmo aceite divindades, a energia universal no âmago de sua filosofia não é definida nestes termos. Tal energia se conectaria a tudo, criando um todo unificado, e seus seguidores tentam viver em equilíbrio com as forças opostas – por exemplo, a luz e a escuridão, o fogo e a água, a ação e a inação. Tais dualidades são encapsuladas no conceito de *yin* e *yang*.

O texto do *Tao Te King* é relativamente curto, com pouco mais de oitenta seções breves, não se estendendo além de cinco mil caracteres chineses. Integram o seu âmago as “três Joias”: compaixão, humildade e comedimento. Seus vários ensinamentos, que costumam ser resumidos em poucas palavras sucintas, são frequentemente místicos e difíceis de definir. O conceito de *wuwei*, em particular, inspira várias interpretações, ainda que no geral haja consenso sobre seu postulado ser o de evitar intervenções prejudiciais, não o de adotar uma postura de passividade pura e simples: “Quando nada é feito, nada fica por fazer.” Num mundo onde os impulsos sempre apontam para movimento e ação incessantes, esse argumento representa, no mínimo, um questionamento da ortodoxia vigente, senão uma ameaça direta. Além disso, sua crítica implícita aos excessos de uma classe dominante que conduziu um estado quase constante de incerteza e desarmonia faz do *Tao Te King* um texto bem mais radical e agressivo do que a princípio poderia parecer. Considere-se a natureza incisiva da observação: “Quando o Mestre governa, o povo mal percebe sua existência.”

A primeira referência significativa a Lao Tsé na condição de autor do texto remete aos escritos do historiador Sima Qian, que viveu entre os

séculos II e I a.C. Sugerem que Lao Tsé poderia ter sido ele mesmo um historiador ou que talvez trabalhasse nos arquivos imperiais. Outras narrativas posteriores sustentariam que teria vivido por centenas de anos e era a mais recente numa longa linhagem de reencarnações. Na realidade, é difícil determinar uma biografia genuína. Por isso a adesão crescente à ideia do *Tao Te King* como uma antologia. Pensa-se que pode ter sido compilado, editado e aprimorado, talvez ao longo de séculos, na segunda metade do primeiro milênio antes de Cristo.

Uma série de tábuas de bambu foi descoberta em 1993 dentro de uma tumba na província de Hubei, na China Central, e incluía vários trechos em comum com o *Tao Te King*. Datadas de 300 a.C. na mais recente das hipóteses, são os mais antigos exemplos do texto do livro ainda existentes. Outros exemplos posteriores e comentários baseados no livro foram localizados em registros em bambu, seda e papel. O título *Tao Te King* surgiu durante o reinado da Dinastia Han, que vai de 202 a.C. a 220 d.C. O taoísmo seria uma ramificação significativa da filosofia na vida chinesa ao longo dos séculos seguintes, competindo por espaço com o sistema de crenças budista, com o qual não era totalmente desprovido de conexão, assim como com o confucionismo e o legalismo (que pedia um governo forte enraizado em um sistema de lei e ordem). Mesmo quando essas escolas filosóficas pareciam se contrapor umas às outras, o taoísmo fornecia regularmente os termos de referência por meio dos quais suas diferenças poderiam ser reconciliadas.

O taoísmo floresceu sob a Dinastia Tang (618-907), cujos imperadores chegavam a se dizer descendentes de Lao Tsé, e continuaria a ser um marco definidor da paisagem espiritual chinesa pela maior parte do milênio seguinte. Sua influência, porém, entraria em declínio a partir do século XVII, em particular se comparada à influência contínua do budismo e do confucionismo. Foi somente no século seguinte que o taoísmo entrou de forma significativa na consciência do Ocidente ao ser traduzido para o latim

por padres jesuítas. A primeira tradução na língua inglesa só apareceria em 1868.

ZHUANGZI

A outra grande obra do taoísmo é *Zhuangzi*, batizada com o nome de seu autor, que viveu no século IV a.C. Também chamada, às vezes, de *Nanhua zhenjing* (*O puro clássico de Nanhua*), a coletânea de fábulas se inspira fortemente no *Tao Te King*, mas, na opinião de muitos críticos, explora o credo taoísta com maior profundidade. A personalidade do autor permeia o texto, e descobrimos um homem que calça sapatos velhos amarrados com barbante para não se desfazerem, porque o mundo material não tem importância para ele; que não consegue chorar a perda da esposa, pois a morte dela não passa de uma expressão do que é natural; e que recusa um caixão para seu próprio funeral e não se importa se serão os pássaros acima do solo ou os vermes abaixo dele a devorarem seu cadáver.

A década de 1950 pareceu trazer a sentença de morte do taoísmo, quando as autoridades chinesas implementaram uma proibição de religiões formais. Ainda assim, o taoísmo manteve presença dentro do país e, de uma forma geral, fora dele. Hoje, os praticantes ainda se contam na casa dos milhões. Sua mensagem de busca da harmonia com a natureza, expressada com tanta elegância, tem mais ressonância do que nunca num momento em que nos damos conta dos efeitos daninhos que a nossa espécie teve e tem sobre o planeta. “Ame o mundo como a si mesmo, e assim poderá cuidar de todas as coisas”, diz uma de suas estrofes. Absolutamente moderno e atemporal.

ILÍADA

.....

AUTOR: HOMERO

DATA: C. SÉCULOS VIII/VII A.C.

A *Iliada* é um poema épico da Grécia Antiga que, ao longo de 15.693 versos e 24 cantos, conta a história da Guerra de Troia, combate travado entre a cidade de Troia e seus inimigos gregos. Em comum com outras obras da Antiguidade, há os debates acadêmicos sobre a exata natureza de sua autoria, ainda que seja amplamente atribuída a Homero, também creditado com a autoria da *Odisseia* – é ponto pacífico que as duas obras foram as raízes sobre as quais a literatura da Grécia Antiga desabrochou, e ambas se provariam influências duradouras sobre toda a cultura ocidental.

A *Iliada* se passa no ano final do cerco de uma década a Troia por parte das forças aqueias (isto é, gregas), uma situação precipitada por Páris, príncipe troiano, raptor de Helena, esposa de Menelau, rei da cidade-Estado grega de Esparta (o aprisionamento dela acarretou o lançamento de uma grande frota para salvá-la, instigando Christopher Marlowe, séculos depois, a considerar sua beleza por meio da pergunta: “Foi este o rosto que lançou mil embarcações?”). A ação se passa nos estertores da Idade do Bronze, por volta de 1200 a.C. – cerca de quatrocentos anos antes de quando Homero teria escrito o poema. A autenticidade histórica da saga é um ponto discutível. Por muito tempo, a própria Troia foi considerada uma peça de ficção, embora no século XIX tenham surgido evidências arqueológicas apontando para a probabilidade de ter sido uma cidade real localizada onde hoje está a Turquia. Mas quanto à saga de guerra de Homero refletir um conflito genuíno ou ser produto de sua imaginação, ou ainda uma síntese de várias ocorrências e narrativas históricas genuínas, não se sabe.

A progressão dramática é centrada em poucas semanas, marcadas pela pendenga entre o líder aqueu Agamenon e o melhor de seus guerreiros, Aquiles, filho de Tétis, uma nereida (ninfã do mar), e Peleu, o rei da Ftia. É

uma narrativa de alta intensidade, cheia de contornos e reviravoltas e batalhas épicas, na qual deuses e deusas do Olimpo tomam os seus lugares ao lado de reles mortais. Aquiles, por exemplo, busca especificamente a ajuda de Zeus, o mais poderoso de todos os deuses. As picuinhas e as rivalidades entre divindades fazem oscilar a sorte daqueles que combatem no plano terreno. Talvez tenha sido Homero o primeiro a atribuir características discerníveis à gama de figuras divinas que recobriam o imaginário da Grécia Antiga, uma contribuição que por si só modificou a natureza do ato de contar histórias na Antiguidade Clássica.

A *Odisseia*, obra irmã da *Ilíada*, se dedica à jornada de retorno ao lar de Odisseu, rei de Ítaca, após a queda de Troia – uma viagem que leva dez anos, tanto quanto a própria guerra. Numa jornada repleta de perigos, ele se depara com incontáveis desafios e reveses, entre eles a perda de sua tripulação e os encontros com, entre outros, o ciclope Polifemo, o gigante de um olho só, as perigosas sereias, que levam marinheiros à desgraça, e os lestrigões, uma raça de gigantes devoradores de homens. Enquanto isso, a esposa e o filho de Odisseu, que o imaginam morto, resistem a uma sucessão de pretendentes inoportunos que querem se casar com a rainha aparentemente viúva. Tema central em ambas as obras é a influência da sorte nos destinos de humanos e de deuses. Ainda que tanto uns quanto outros tenham liberdade de ação e de escolha dia após dia, o escopo total das narrativas da vida é fadado a ser preestabelecido, e tentar fugir ao que a sorte determinou se torna não apenas uma empreitada vã, mas também covarde e insensata.



Sob certo ângulo, pouco importa se Homero foi ou não o único responsável pelo registro desses épicos em forma escrita. O que de fato importa é que eles existem, que mudaram a direção da literatura mundial e que continuam a fascinar leitores quase três mil anos depois de terem sido escritos. Nem por isso os questionamentos a respeito da autoria deixam de nos oferecer mistérios deliciosos sobre os quais conjecturar. É ponto pacífico que as duas obras são datadas de uma mesma época, em torno do século VIII ou VII a.C. Contudo, alguns acadêmicos argumentam que os dois poemas seriam produto de autores diferentes ou talvez até de grupos de escritores em um trabalho conjunto. O modo predominante de comunicação cultural na época era a transmissão oral, e muitos acadêmicos suspeitam que a *Ilíada* e a *Odisseia* representam a congregação literária do que talvez sejam múltiplas histórias, anteriormente disseminadas pela palavra falada ou cantada. A verdade é que não sabemos quase nada sobre a figura histórica de Homero, e os fragmentos de informação pseudo-biográfica de que dispomos, como o fato de que teria sido cego, são altamente questionáveis. Ambos os poemas abordam questões sobre a memória e a transmissão do conhecimento entre gerações, e, por isso, talvez faça mais sentido pensar em Homero como um criptograma para a conjunção – memorialização – de longas linhagens literárias em novas obras brilhantes e coerentes. A *Ilíada* e a *Odisseia* podem ser enxergadas não como

criações de uma única mente brilhante, mas sim como frutos extraordinários de um *zeitgeist* cultural.

O CAVALO DE TROIA

A *Odisseia* faz uma breve menção a uma tática militar que viria a cativar a imaginação de gerações de leitores, mas em grande parte devido à *Eneida*, de Virgílio, onde é recontada com mais detalhes. O Cavalo de Troia foi um gigantesco cavalo de madeira construído pelos gregos e transportado pelos troianos para dentro dos muros de sua cidade como um símbolo aparente de sua vitória militar. Mal sabiam que havia uma tropa de soldados gregos escondida em seu interior. Uma vez dentro da cidade, os soldados entraram em ação, abrindo os portões e permitindo a entrada de seus correligionários – uma cartada que culminou no saque final a Troia.

O impacto de Homero foi imediato e duradouro. A forma como retratou o plano divino, por exemplo, modificou rapidamente o olhar dos antigos gregos sobre a religião, tornando seus deuses e deusas menos abstratos, mais propensos à empatia. Os relatos de batalhas militares também foram absorvidos pela psique grega, tendo influenciado o olhar sobre táticas e sobre a própria psicologia da guerra. Os poemas logo se tornaram ferramentas vitais de educação, não apenas como modelos literários, mas como pontos de partida para debates filosóficos e éticos mais amplos. Nas palavras de Platão, Homero “ensinou a Grécia”.

Os épicos homéricos introduziram um novo formato de narrativa dramática que rapidamente ultrapassaria as barreiras do mundo helênico. Sua estrutura é facilmente identificável nas obras dos grandes poetas romanos, como Virgílio e Ovídio, o primeiro costumeiramente acusado de roubar a *Iliada* e reconfigurá-la como a *Eneida* no século I a.C. Mas o alcance de Homero foi ainda maior, chegando a Shakespeare, por exemplo, que explorou matéria-prima semelhante (ainda que por um ângulo distinto)

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma breve história do mundo em 50 livr..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).